

THE RĀMĀYAṆA OF VĀLMĪKI: An Epic of Ancient India.  
Introduction, Translation, and Annotation by Robert P. Goldman  
and Sally J. Sutherland Goldman. Princeton: Princeton University  
Press, 2017. v. 7. 1522 p. ISBN 978-0-691-18292-6.

Matheus Landau de Carvalho\*

O livro *The Rāmāyaṇa of Vālmīki: An Epic of Ancient India. Vol. VII: Uttarakāṇḍa*, editado pelos professores de sânscrito da Universidade da Califórnia, Robert Philip Goldman e Sally J. Sutherland Goldman, é o sétimo e último volume – *uttara*, no sânscrito, significa “último” – do exaustivo projeto de tradução e edição crítica na íntegra do épico hindu *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, publicado pela Princeton University Press, de 1984 a 2017, como parte da extensa coleção intitulada *Princeton Library of Asian Translations*. Este mesmo projeto também contou com os esforços de tradução crítica de Sheldon Pollock, Rosalind Lefebber e Barend A. van Nooten.

No contexto semântico do termo sânscrito composto *Rāmāyaṇa*, Rāma é um dos *avatāras* de Viṣṇu e o herói protagonista da narrativa, ao passo que *ayaṇa* pode designar tanto o ato de prosseguir, mover-se, andar, quanto o próprio caminho, o percurso, a estrada em si (APTE, 1970; MONIER-WILLIAMS, 1899). Portanto, por *Rāmāyaṇa* entende-se as vicissitudes pelas quais passou Rāma durante seu percurso neste mundo enquanto um *avatāra* de Viṣṇu.

O nome de Rāma teria sido a última palavra pronunciada por Mohandas K. Gandhi logo antes de ser assassinado a tiros em 30 de janeiro de 1948. Em 1992, grupos de seguidores de Rāma derrubaram a mesquita Babri Masjid em Ayodhyā, principal cenário do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, onde se localizaria o

---

Resenha recebida em 28 de dezembro de 2021 e aprovado em 3 de agosto de 2022.

\* Mestre em Ciência da Religião pela UFJF. País de origem: Brasil. E-mail: matheuslandau@gmail.com

suposto lugar de nascimento de Rāma, pressionando o Governo da Índia a permitir a reconstrução de um templo hindu no mesmo local. Encenações teatrais da estória do *Rāmāyaṇa*, conhecidas como *Rāmlīlā*, são anualmente realizadas em aldeias e cidades por toda a Índia em setembro ou outubro. Em muitas partes da Índia, as festividades do *Dīpāvalī* celebram o baile oferecido por Rāma ao assumir seu trono em Ayodhyā após seus quatorze anos de exílio segundo o *Rāmāyaṇa*.

O exemplar escrito mais antigo até hoje descoberto do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki é um manuscrito numa folha de palmeira do Nepal, datado provavelmente de 1020 E.C. No prefácio de sua edição crítica, Schlegel (1829) oferece muitas informações interessantes sobre a existência e a circulação de versões escritas do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki em sua época (século XIX E.C.).

Com o objetivo de oferecer uma tradução tão legível quanto precisa do original sânscrito, o projeto envolve todos os sete livros (*kāṇḍas*) do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, i.e. *Bālakāṇḍa*, *Ayodhyākāṇḍa*, *Aranyakāṇḍa*, *Kiṣkindhākāṇḍa*, *Sundarakāṇḍa*, *Yuddhakāṇḍa* e *Uttarakāṇḍa*, contando, de maneira inédita, com todos os quatorze comentários (*bhāṣyas*) em sânscrito que lhe foram dedicados do século XII E.C. ao século XIX E.C., presentes substancialmente nas Notas à edição crítica – são eles o *Maṇimañjirā* de Govindarāja, o *Amṛtakataka* de Katakata Mādhava Yogīndra, o *Manoharā* de Lokanātha Cakravarti, o *Tattvadīpikā* de Maheśvaratīrtha, o comentário de Sarvajña Nārāyaṇa, o *Munibhāvaprakāśikā*, o *Rāmāyaṇa Śiromaṇi* de Vaṃśīdhara Śivasahāya, o *Tikā* de Rāmānuja, o *Satyatīrthīyākhyāna* de Satya[dharma]tīrtha, o *Tilaka* de Nāgeśa Bhaṭṭa, o *Dharmākūtam* de Tryambakarāya Makhi(Yajvan), o *Taniśloki* de Ātreya Ahobala, o *Munibhāvaprakāśikā*, e o *Vivekatilaka* de Varadarāja Uḍāli.

Num primeiro momento, a recepção ao projeto, tanto do público acadêmico quanto do público em geral, foi bem positiva. O volume da edição crítica do *Sundarakāṇḍa* – publicado em 1996 – foi eleito um dos cem melhores livros de 1997 pelo *Los Angeles Times Book Review*. Os cinco primeiros volumes – *Bālakāṇḍa-Sundarakāṇḍa* – foram reimpressos na *Clay Sanskrit Library*, pela

New York University Press, e os seis primeiros, pela Motilal Banarsidass (2007-2010), de Nova Délhi. A tradução também foi publicada em uma edição ricamente ilustrada pela *Éditions Diane de Selliers* (Paris).

A partir de traduções e edições críticas ocidentais e indianas, fontes textuais sânscritas hindus das mais variadas categorias, assim como fontes secundárias linguísticas, historiográficas, filosóficas, políticas, biológicas, poéticas, geográficas, jurídicas, gastronômicas, literárias, arqueológicas, ritualísticas, em inglês, francês e alemão, a obra inicia-se com uma Introdução que apresenta uma sinopse do conteúdo narrativo do *Uttarakāṇḍa*, seus principais personagens, sua estrutura e inserção no universo maior do épico em si, seus episódios controversos, sua historicidade e sua religiosidade, a presença do *Gāyatrīmantra*, assim como os comentários hindus ao texto e o projeto de sua tradução para a língua inglesa. Em seguida vem o texto da tradução inglesa, sucedida pelas Notas, o apêndice dos *sargas prakṣipta*, a genealogia do vilão do épico, Rāvaṇa, um glossário, além de emendas e correções, da bibliografia da edição, e um índice. Os editores expõem o método pelo qual acessaram as duas recensões sânscritas originais básicas na edição crítica da tradução do texto do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, explicando ao leitor o que são os *sargas prakṣipta*, e sob quais critérios aparecem nesta edição crítica.

Em suma, o *Uttarakāṇḍa* discorre sobre o reinado de milhares de anos de Rāma em Ayodhyā, os desafios enfrentados para a manutenção do *dharma* hindu em seus domínios, várias narrativas retrospectivas sobre origens de nomes e personagens presentes nos seis primeiros *kāṇḍas*, assim como da maneira pela qual Rāma abandona sua condição de *avatāra* para voltar a ser Viṣṇu novamente.

Com efeito, o *Uttarakāṇḍa*, teoricamente composto de cem cantos (*sargas*), é o que oferece o maior desafio para ser compreendido e apresentado de maneira criticamente coesa, principalmente por causa de dois grandes trechos, i.e. nove breves passagens consideradas apêndices ao épico, e aquelas passagens interpoladas – treze cantos ao todo, divididos em três grupos –, presentes em alguns manuscritos. Classificados já pelos comentadores do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki como “espúrios”, “ilegítimos”, “apócrifos”, estes *sargas* são considerados

como *prakṣipta* (no sânscrito, “lançado”, “atirado”, “jogado”, “inserido”, “interpolado”, cf. MONIER-WILLIAMS, 1899, p. 655b; APTE, 1970, p. 352a), como se tivessem sido colocados num texto que provavelmente já estava finalizado, encarados, assim, como um corpo estranho numa redação já concluída. O problema de todas estas passagens – os apêndices e os *sargas prakṣipta* – circunscreve-se aos critérios pelos quais as edições críticas inserem-nas ou não no texto principal de suas respectivas traduções ou edições, interferindo quantitativa e qualitativamente na compreensão do conteúdo específico do *Uttarakāṇḍa*, assim como na referenciação de cada *sarga* que compõe cada uma delas.

Críticas sobre poucos trechos esparsos da edição como um todo – *Bālakāṇḍa* I,1-4; *Ayodhyākāṇḍa* I,20; XXVII,8; LXXVII,1-2; LXXVIII,1-2; *Sundarakāṇḍa* IV,4-5; *Yuddhakāṇḍa* CIV,4.7.14 –, além do registro equivocado do próprio título original, no alfabeto *devanāgarī* – que deveria registrar *Rāmāyaṇaṃ Vālmīkiyam* ao invés de *Rāmāyaṇaṃ Vālmīkiyaṃ* –, impresso na capa dos sete volumes, recentemente vieram à tona (cf. “Tradition better than Goldman/Pollock translations - Nityanand Misra”; “False Translation Feeds Audrey Truschke’s Hinduphobia”; “Robert Goldman vs. Gita Press’ - Nityanand Misra”). Estas críticas incidem principalmente sobre palavras sânscritas que simplesmente não aparecem na tradução, bem como da tradução equivocada de alguns dos trechos supracitados. Nenhuma destas críticas sobre a presente edição/tradução do *Uttarakāṇḍa* foi encontrada.

Algumas críticas aos desafios que o próprio texto original sânscrito oferece a todos aqueles que queiram realizar uma tradução crítica de seu conteúdo também estão presentes nesta edição, principalmente em relação à gramática defeituosa – como verbos ausentes ou discordância de gênero –, a uma sintaxe estranha, a escolhas lexicais diferentes do resto do texto, ou até, em alguns momentos, uma construção deficiente de figuras de linguagem (*alankāra*) no próprio sânscrito.

É claramente perceptível na presente edição crítica uma leve ausência de uniformidade na tradução de termos técnicos sânscritos, e.g. o *rtvij*, um oficiante

responsável por um ritual védico. Às vezes este termo sânscrito é registrado em sua forma latinizada, diacrítica – *ṛtvij*, como no canto LXXXIII,2 –, porém, às vezes, o que aparece registrado é apenas uma tradução inglesa equivalente – como “sacrificial priests” no canto LV,5 ou “officiating priets” no canto LXXXIV,5 –, que, como é possível notar, não segue um padrão constante de registro das mesmas palavras no texto inglês, o que pode prejudicar um pouco na compreensão exata da construção cultural original do texto sânscrito.

Outro aspecto relativo à tradução equivalente ou registro diacrítico de termos sânscritos fica evidente na leitura da presente tradução crítica do *Uttarakāṇḍa* quando cotejada com a tradução crítica do primeiro *kāṇḍa* do épico – o *Bālakāṇḍa* – do mesmo projeto de tradução e edição crítica do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, pois a primeira e mais perfeita das idades do universo, o *Kṛta Yuga*, é registrada exatamente nesta forma diacrítica específica por todo o texto da edição crítica do *Uttarakāṇḍa*, ao contrário do que se percebe no volume do *Bālakāṇḍa*, que, em I,73 registra “Golden Age.” (GOLDMAN, 2007, p. 126).

De um modo geral, a tradução inglesa de Robert P. Goldman e Sally J. Sutherland Goldman é muito satisfatória, revelando uma redação ao mesmo tempo fluida e proporcional aos ritmos linguísticos inerentes à estilística de um épico. Comparada com os seis *kāṇḍas* anteriores, a redação do *Uttarakāṇḍa* é mais explicativa do que narrativa – principalmente em algumas etimologias de nomes próprios sânscritos –, justamente por uma suposta necessidade, apontada por alguns comentários críticos ao épico, de explicar algumas lacunas e contradições que teriam permanecido – especificamente do *Bālakāṇḍa* ao *Yuddhakāṇḍa* – na tentativa de perceber coerência e coesão internas da narrativa épica em seu todo.

## REFERÊNCIAS

APTE, Vaman Shrivam. **The Student’s Sanskrit-English Dictionary**. 2. ed. Delhi: Motilal Barnasidass Publishers, 1970.

INFINITY FOUNDATION OFFICIAL. “Robert Goldman vs. Gita Press” - Nityanand Misra. YouTube, 28 de fevereiro de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5c9NiN1i\\_N8](https://www.youtube.com/watch?v=5c9NiN1i_N8). Acesso em: 15 set. 2020.

INFINITY FOUNDATION OFFICIAL. False Translation Feeds Audrey Truschke's Hinduphobia. YouTube, 4 de março de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9BMXVgqrMJY>. Acesso em: 15 set. 2020.

INFINITY FOUNDATION OFFICIAL. Tradition better than Goldman/Pollock translations - Nityanand Misra. YouTube, 7 de março de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2xs1\\_1\\_TsLM](https://www.youtube.com/watch?v=2xs1_1_TsLM). Acesso em: 15 set. 2020.

MONIER-WILLIAMS, Monier. **A Sanskrit-English Dictionary**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1899.

SCHLEGEL, Augustus Guilelmus a. **Ramayana id est Carmem Epicum de Ramae Rebus Gestis Poetae Antiquissimi Valmicis Opus**. Voluminis Primis Pars Prior. Bonn: Typis regiis, 1829.

THE RĀMĀYAṆA OF VĀLMĪKI: An Epic of Ancient India. Introduction and translation by Robert P. Goldman. Delhi: Motilal Banarsidass, 2007. v. 1.

THE RĀMĀYAṆA OF VĀLMĪKI: An Epic of Ancient India. Introduction, Translation, and Annotation by Robert P. Goldman and Sally J. Sutherland Goldman. Princeton: Princeton University Press, 2017. v. 7.